

CÉREBRO
CIENTISTAS

Que grandes crânios!

São os descobridores portugueses da era moderna, investigadores que partiram à descoberta de novos mundos na Ciência. As histórias de 10 deles. TEXTO DE NELSON MARQUES
FOTOGRAFIAS DE TIAGO MIRANDA

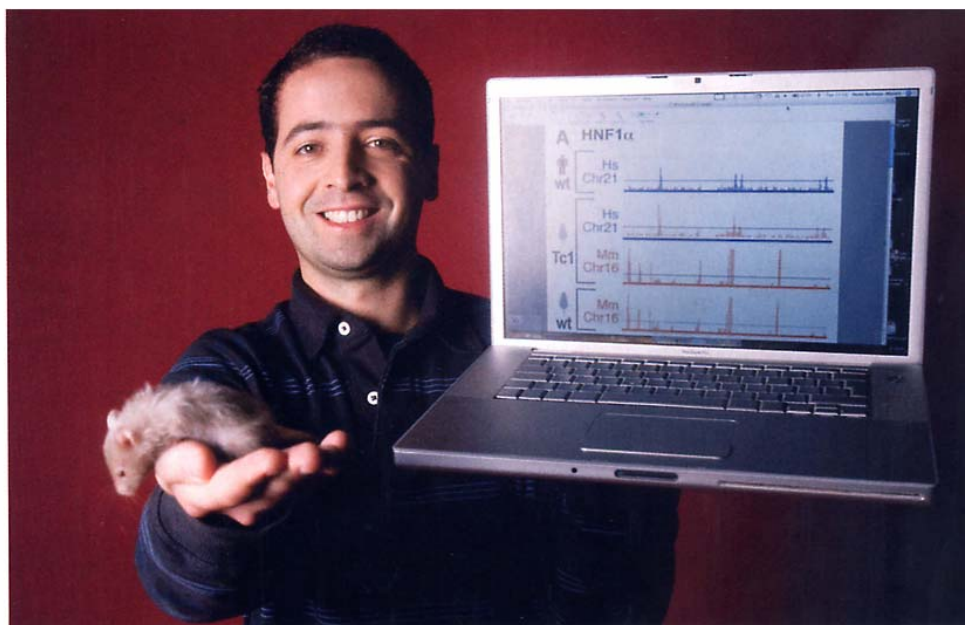
Nuno L. Barbosa Morais

31 anos
Biologia Computacional
Universidade de Cambridge,
Reino Unido

Podia ser personagem de um romance de Agatha Christie. O argumento: numa das mais míticas universidades europeias um investigador português veste a pele de um detetive que tenta travar um dos maiores assassinos da modernidade. É um inimigo astuto aquele que Nuno enfrenta a partir do Departamento de Oncologia da Universidade de Cambridge. No final do ano, segundo as estimativas da Organização Mundial de Saúde, o cancro terá ceifado mais de sete milhões de vidas em todo o mundo e, em 2010, ultrapassará mesmo as doenças cardíacas como o principal assassino à esca-

Desengane-se: este não é um trabalho sobre a 'fuga de cérebros'. Os 10 talentosos investigadores que lhe apresentamos nesta e nas seguintes páginas são, em muitos casos, referências mundiais na sua área de investigação e, como tal, 'cérebros', no sentido figurado da expressão. Trabalham todos além-fronteiras, de Espanha à Suécia, de França aos Estados Unidos, em áreas tão diversas como a Neuroengenharia, a Biologia, a Economia, a Robótica ou a

Fonética. Emigraram na procura de novos conhecimentos científicos e de novas oportunidades de trabalho, mas não fugiram, mesmo quando o país mais se assemelhava a uma prisão — política, intelectual e científica — no pré-Abril de 74. A expressão 'fuga de cérebros' tem associada uma carga de reprovação, quase como se estes e os outros milhares de investigadores portugueses espalhados pelos quatro cantos do Mundo tivessem abandonado a sua pátria, quando a maioria continua a servi-la melhor que muitos outros portugueses. Conheça as histórias dos 10 que escolhemos para este artigo. ■



la mundial. Como travá-lo é a *million dollar question* a que milhares de cientistas tentam responder. Uma das abordagens mais promissoras passa por silenciar os genes envolvidos na formação de tumores. Para isso, é preciso primeiro perceber melhor como se expressam esses genes, um

trabalho que Nuno tem levado a cabo com a ajuda de meios informáticos. Há seis anos na "encantadora" cidade britânica, confessa que sempre a viu "como um local de passagem". Ainda não decidiu qual será o passo seguinte, mas gostaria de regressar a Portugal "daqui a três, quatro anos".